

D. João VI e o Real Paço de Mafra
A campanha pictórica de Cirilo Volkmar Machado
4 - Sala dos Heróis Portugueses ou das Descobertas

A campanha decorativa de Wolkmar Machado em Mafra prosseguiu com a decoração do tecto da Sala das Descobertas, em que colaborou também o pintor Bernardo António de Oliveira Goes que, desde 1796, fora nomeado ajudante de Cirilo.

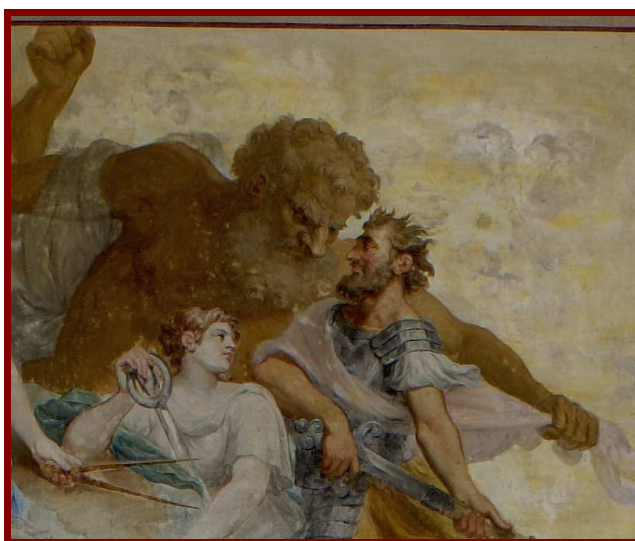


Nesta sala estão representados alguns dos heróis portugueses e o princípio das Descobertas: “[...] uma medalha o retrato do Infante D. Henrique Fig 1 sustentado pela Fama fig 2 . A Cosmografia, coroadada de estrelas, e sentada sobre o Globo Terrestre ajuda a sustenta-lo com a mão esquerda fig 3 , e com a direita lhe indica, apontando com o compasso, o mar da Índia fig 4: Um génio desta ciência levanta em tanto o véu que ocultou por tantos séculos aquela parte do Mundo: D’outra parte o Gigante Adamastor fig 5, com terrível aspecto, ameaça Vasco da Gama fig 6 ; o Herói, ainda que se lhe arrepiem os cabelos, não deixa de acometer. A Esperança boa anima a prosseguir a empresa começada. Mais abaixo Pedr’Álvares Cabral fig 7 perdendo o rumo, é levado nos braços de uns ventos

*tempestuosos, e impellido por outros, à costa do Brasil. Em um grupo esbatido, Cristóvão Colombo fig 8 , depois de ter achado a América de Espanha, é conduzido em ferros, para este Reino, pela Perfídia.”.*¹

O próprio pintor explica a razão das representações escolhidas: “às viagens [...] fomentadas pelo Infante D. Henrique deve o mundo todas as descobertas que depois fizeram tantas nações da Europa. Nenhuma acção, seja pela ciência e valor, com que foi empreendida, seja pelas incalculáveis utilidades que dela resultou, merece mais a estimação a admiração dos homens que esta.”²

Por trás, o Gigante Adamastor “com terrível aspecto”³ ameaça Vasco da Gama que descobriu o caminho para a Índia em 1497. Este não se mostra amedrontado, pois a esperança, que mais tarde o promontório tomará o nome, o anima a prosseguir. Está também retratado Pedro Álvares Cabral que, indo a caminho da Índia, foi empurrado para fora da sua rota por ventos tempestuosos.



Surge depois, Cristóvão Colombo que, segundo Wolkmar Machado, não é português, mas casou com uma portuguesa e aqui viveu, oferecendo os seus talentos aos reis de Portugal. Ainda segundo o pintor, foi entre uns papéis de seu sogro, esse sim um

¹ MACHADO, Cirilo Volkmar, “Aditamento”, in *As Honras Da Pintura, Esculptura e Architectura*, de João Pedro Belleri, 1815, p.117/118.

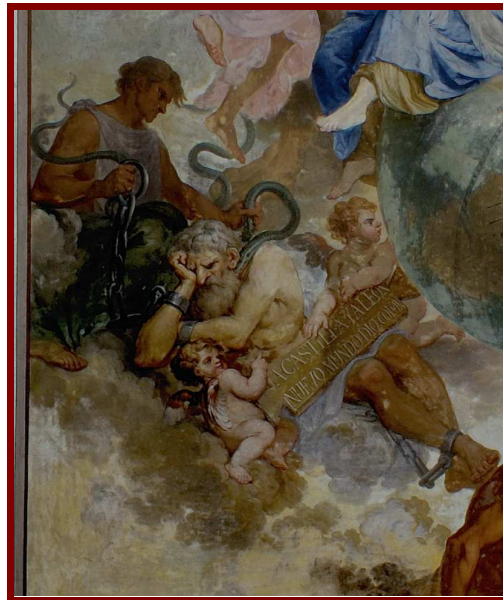
² Idem

³ Idem, p. 208

piloto português, que Colombo encontrou as memórias que usou para fazer as “ousadas descobertas que tão felizmente soube fazer”⁴.

E acrescenta ainda: “ Os seus émulos, o caluniaram de modo que o fizeram transportar à Espanha carregado de ferros. Ele aparece ali neste estado de abatimento. A Perfídia o conduz, um génio olha e aponta para as terras que ele deixa conhecidas”⁵

Pintou ainda dois querubins segurando uma tabela onde se pode ler “A Castilla y a Leon nuvo mundo dio Collon”.



A cena central do tecto é emoldurada por arabescos onde, segundo ainda o autor, aparecem alguns pagodes sustentados por ricas esfinges, pássaros e “monstros hidráulicos”.

Na parte lateral do tecto, Wolkmar Machado representou, em pequenos medalhões sobre estuque branco e de forma a parecerem parte dos ornamentos que emolduram o painel central, quatro episódios relacionados com as Descobertas:

Na parede nascente, Vasco da Gama diante do Samorim, representado de acordo com os relatos históricos, que o descrevem sobre um rico leito adornado de seda e

⁴ Idem, p. 209.

⁵ Idem, p. 209.

ouro, com um aspecto venerável e majestoso e enfeitado com jóias de ouro e pedra preciosas.

Samorim é o aportuguesamento de *Samutiri*, título dado entre os séculos XVI/XVIII aos soberanos do antigo Estado hindu de Calecute, hoje estado de Kerala. Foi o Samutiri Manavikraman Rajá quem, a 28 de Maio de 1498, recebeu Vasco da Gama. Aos pés do Samorim, um Naire (Nair ou Nayr) segura uma prato com a erva verdeselhe, que os Samorins habitualmente mascavam por ser boa para o estômago.

Junto ao leito, o chefe dos Brahmanes apresenta apresenta o Almirante que , segundo o próprio autor, “é o Herói do quadro está no lugar mais nobre dele [...] e tem o colorido mais brilh[ante] para atrair assim avista dos Espectadores”⁶

Estão ainda representados um pajem com uma bandeira onde se vê a insígnia da Ordem de Cristo e um escudo com as armas dos Gamas e a letra grega γ (gama) e outro que segura o gorro e o bastão de Gama e um Malabar, “fâmulo (criado) do Samorim” que observa estes estranhos objectos.

Ao longe, sobre o mar, vêm-se as embarcações que conduziram os portugueses a terra.



Na parede sul, podemos ver Pedro Álvares Cabral erguendo a Santa Cruz no Brasil., auxiliado por dois franciscanos. Um grupo de índios observa este estranho

⁶ Idem, p 209

espectáculo, enquanto outros índios estão já a ser catequizados por religiosos da mesma Ordem.



Na parede poente, sobre as janelas, está a descoberta da península de S. Lourenço, ilha da Madeira, por João Gonçalves Zarco, “mais tarde da Câmara”⁷, onde se diz que Rui Paes encontrou o lendário sepulcro de Anna Arfert e Roberto Machim, “fidalgo da corte de Duarte 3º rey de Inglaterra”⁸



Segundo uma tradição local, a ilha da Madeira teve como primeiros habitantes (e descobridores) um jovem aristocrata da corte de Eduardo III de Inglaterra, chamado Roberto Machim e a sua amada.

Diz a lenda que, entre o final do século XIV e o início do século XV, vivia em Inglaterra um jovem chamado Robert Machim que se apaixonou por uma dama

⁷ MACHADO, 1823, P. 210

⁸ MACHADO, 1823, p.210

inglesa, Ana de Arfert (ou Ana de Harfert, Dorset, Darbey or Hertford). No entanto, e apesar desse amor ser correspondido, a família dela já tinha o seu casamento acordado com um nobre de estatuto mais apropriado.

Machim combinou, então, com alguns amigos raptar a donzela antes do casamento e levá-la de barco para França, então em guerra contra os ingleses na Guerra dos Cem Anos. A data da fuga foi combinada com a jovem para as vésperas do dia do casamento.

Fugindo de Bristol para longe da costa inglesa, os amantes foram quase de imediato assolados por uma tempestade que os fez perder o rumo pretendido. Como não tinham a bordo um piloto experiente que voltasse a colocar o barco na rota correcta, andaram à deriva durante dias até que viram ao longe uma "grande mancha verde". Apesar do medo perante o desconhecido, o desespero levou-os a aproximarem-se. Viram-se então em frente à ilha que mais tarde se designaria por ilha da Madeira.

Como a dama, após tanto tempo no mar, se encontrava doente, decidiram desembarcar enseada que hoje tem o nome de baía de Machico. Estavam tão ansiosos por pisar terra firme que, ao sair do barco, não o amarraram devidamente. Após explorarem aquele pequeno bocado da ilha e terem saciado a sede, aperceberam-se de que uma nova tempestade se avizinhava. Procuraram refúgio por entre as raízes de uma frondosa árvore cujo o diâmetro de circunferência do tronco era tal que na sua base havia uma concavidade onde se abrigaram todos.

Após amainar a tempestade aperceberam-se que o mar tinha-lhes levado o barco. A dama, cuja saúde estava muito debilitada, viria a falecer passados poucos dias. Robert Machim ergueu uma enorme cruz em madeira junto à sepultura da sua amada (perto da frondosa árvore onde se tinham abrigado), mas foi afectado por uma tal melancolia que, em menos de uma semana se juntou à sua amada na morte.

Os restantes membros da expedição ficaram na ilha, tentando sobreviver. Alguns sucumbiram, outros resistiram até à passagem de um barco de mouros que os resgatou e levou para o Norte de África para serem vendidos como escravos. Mas não sem que antes tivessem gravado na cruz a breve história dos dois amados. Um destes, chamado Morales de Sevilha, acabaria por ser resgatado através dos

pagamentos que os cristãos faziam aos negociantes africanos pela libertação de cativos, e contou a saga de Machim. De volta a Castela, foi capturado por um servidor do Infante D. Henrique que, ao ouvir o relato, enviou logo uma expedição para encontrar a ilha, em 1420.

A lenda refere ainda que os "primeiros" descobridores portugueses, encontraram a cruz de madeira com a inscrição e ergueram a primeira capela da ilha na concavidade da árvore, atribuindo o nome de Machico a essa baía em honra dessa inscrição.

A origem destes relatos é duvidosa, pois não há relatos escritos do achado da cruz pelos descobridores portugueses. O relato baseia-se baseia-se em registos desse sobrevivente que terão ficado nos arquivos marítimos ingleses.

A divulgação desta lenda coincidiu com um período difícil da história portuguesa, a Restauração de 1640. Por altura do casamento de D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV, com Carlos II de Inglaterra, houve a doação de algumas possessões ultramarinas portuguesas como dote da princesa. Segundo alguns, para consolidar a força da aliança de Portugal com a Inglaterra, face à ameaça da poderosa Espanha, a rainha D. Luísa de Gusmão sondou os negociadores do tratado sobre a eventualidade de acrescentar igualmente a ilha da Madeira ao dote de sua filha - o que acabou por não acontecer.

D. Francisco Manuel de Melo, na *A Epanáfora Amorosa*, faz referência a este episódio lendário.

E finalmente na parede sul, está representado o baptismo do rei do Congo “*acontecim[en]to feliz q se deve as nossas descobertas*”⁹

Cirilo evoca aqui um episódio das Descobertas ocorrido em 1491.

Em finais de 1489, saiu de Lisboa uma armada comandada por Gonçalo de Sousa em direção ao Congo. Tendo Gonçalo de Sousa falecido durante a viagem, foi o sobrinho, Ruy de Sousa, a tomar o seu comando. Nesta viagem seguia, entre outros, o “embaixador do Rey do Congo” ou seja um dos nativos que Diogo Cão trouxera anos antes e que já falava português e tinha sido cristianizado.

Chegados a Mpinda, baptizou-se em 3 de Abril de 1491 o Mani-Soyo, que tomou o nome de Manuel e o seu filho que se chamou António. Tal só foi possível porque o

⁹ MACHADO, 1823, p. 210

Mani-Soyo era tio e mais velho que o Mani-Congo. Partiram então para a capital e ali foi baptizado em 3 de Maio de 1491 o Mani-Congo, que tomou o nome de João e sua esposa, que tomou o nome de Leonor, tal como o Rei e Rainha de Portugal. Pouco tempo depois, foi baptizado com o nome de Afonso o Mani-Nsundi, filho do rei com o nome gentílico Mvemba-a-Nzinga.

A ordem dos baptismos (primeiro os chefes e depois os súbditos) representa a função que ali desempenhou o cristianismo como instrumento de poder. Os súbditos baptizaram-se para imitar os seus governantes. Todos vão querer *kudia mungwa*, ou seja “comer o sal”, expressão com que se referiam ao baptismo (do sal que é colocado na boca do neófito).

Assim, vemos o rei do Congo de joelhos, com a cabeça inclinada, recebendo o baptismo de um franciscano. A seu lado tem, como padrinho, Ruy de Sousa, o comandante da expedição.

Junto ao rei, um cortesão negro segura a mitra real feita de folhas de palma “tão lustrosa e bem tecida que parece veludo”¹⁰ e de onde pende uma cauda de cavalo, considerada entre os locais como um símbolo da autoridade.

Assistem à esta cena mais alguns nativos e portugueses.



Entretanto tinham sido entretanto admitidos para as decorações do Palácio da Ajuda os pintores Francisco Vieira Portuense, Arcangelo Fosquini, Bartolomeu Calisto, Domingos Sequeira e José da Cunha Taborda. “ [...] *achando-se porém*

¹⁰ MACHADO, 1823, p. 210

desocupado na ocasião em que S.A.R. mandava aprontar com pressa as paredes da casa das Descobertas, propus que se repartissem por todos os painéis ...”.¹¹

Estes pintores vieram, então, para Maфра para executaram os quadros para as paredes desta sala.

Assim, num primeiro quadro, colocado na parede Sul, do lado da janela, estava representado Vasco da Gama desembarcando em Calecut, tomando como referência a descrição de Camões no canto 2º dos Lusíadas, estrofe 44 e foi pintado por Arcângelo Foschini em 1804.

Um segundo quadro, na mesma parede Sul, mas do lado interior, evocava o 1º cerco de Diu “*sustentado tão valorosamente por António da Sylv.[ei]ra de Menezes*”¹² foi pintado por José da Cunha Taborda segundo a descrição de Faria e Sousa, na *Ásia Portuguesa*, tomo 10, parte 4ª., nº 5 e seguintes. Datava também de 1804.

Na parede Este um terceiro quadro representava a construção da fortaleza de Cochim por Afonso de Albuquerque, segundo o relato da *Histoire des Découvertes* de Laffiteau, livro 1º. Era da autoria do próprio Cirilo e datado de 1804.

O 4º quadro, na parede Norte, do lado interior, representava a batalha naval em que o vice-rei D. Francisco de Almeida derrotou “*o famoso Cutival*”¹³ no porto de Panasse, em 28 de Setembro de 1507. É baseado na Década 2ª, capítulo 6º de João de Barros e foi pintado por Domingos Sequeira em 1804, tendo a seguinte apreciação por parte de Cirilo Wolkmar Machado: “*é de Seq[ei]ra, tem coisas boas em detalhe, o todo faz mau efeito, há na composição e perspectiva dos planos bastantes erros*”¹⁴

O 5º paine , na parede Norte, do lado da janela também de Domingos Sequeira e datado de 1805, representava Duarte Pacheco defendendo o Passo de Cambalans, segundo também a *Histoire de Découvertes*, livro 1º. Merece também a reprovação de Cirilo, que diz: “*o painel faz bom efeito, mas o assunto é mal desempenhado.*”¹⁵,

¹¹ MACHADO, 1823, p.125.

¹² MACHADO, 1823, p. 134

¹³ MACHADO, 1823, p. 135

¹⁴ MACHADO, 1823, p. 135

¹⁵ MACHADO, 1823, p. 137

Finalmente o 6º painel, na parede Oeste, aludia ao triunfo de D. João de Castro sobre Jusarkhan em Goa, tomado como referência a obra de Jacinto Freire de Andrade “Vida de D. João de Castro”, livro 3º, nºs 40 e 41 e foi pintado por Bartolomeu Calisto em 1804.

Todos estes quadros foram levados por D. João VI para o Brasil, de onde não regressaram, mas as legendas que os acompanhavam ainda se podem ver pintadas nas respectivas paredes.

Isabel Yglesias de Oliveira

com Fernanda Santos e Gabriela Cordeiro

Comemorações do Centenário das Guerras Peninsulares 2007/2008